

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO— Gabriel Marie — A musica na exposição de 1900 — Emilio Lami — Concertos — Noticiario — Necrologia.

GABRIEL MARIE

O illustre chefe de orchestra cujo retrato hoje apresentamos e cujo original os nossos amadores de boa musica talvez venham brevemente a conhecer, gosa de uma excellente reputação em França. Se não attingiu ainda a immensa auctoridade de Colonne nem occupa os logares brilhantes de Taffanel e Chevillard, é no entanto considerado um musico sério, devotado á sua arte, de um valor real e indiscutivel.

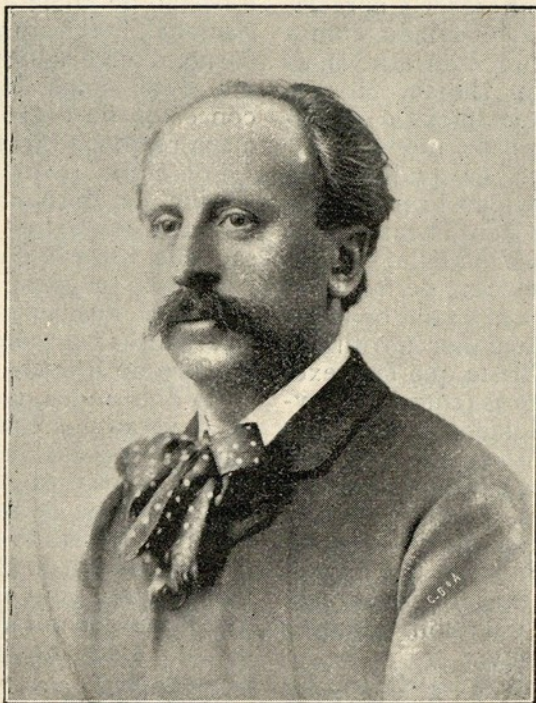
A sua biographia foi recentemente publicada n'um importante jornal francez, d'onde vamos traduzil-a.

«O caso de M. Gabriel Marie é de veras um curioso problema de vida local: um artista, no mais leal sentido da palavra, que chega a obter, em Bordeus, cidade por excellencia de apathia artistica e do snobismo esthetico, uma posição consideravel formada por auctoridade reconhecida e popularidade indiscutivel, não é com effeito motivo para causar admiração e confundir os espiritos mais conformistas? Por isso não será indifferente indagar de que elementos se compõe o prestigio exercido por M. Gabriel Marie na alma musical do publico bordelez.

E antes de tudo, M. Gabriel Marie é Pari-

siense. Por muito estranha que esta asserção pareça: a sua certidão de baptismo não é o menor dos seus titulos á sympathia bordeza, nem é temerario affirmar que se tivesse nascido nas margens do Garonne teria muito maior difficuldade em ser propheta n'este paiz.

Demais, este Parisiense tem um sorriso meridional. E' distincto sem ser frio, reservado mas não concentrado: é um seductor na conversação quente, animada, colorida, vibrante; mas não conversa somente por conversar; quer convencer; e se o levae a discutir os seus musicos preferidos: Bach, Beethoven, Wagner, a trindade «simplistica», como elle explica, vereis que todos os seus esforços tendem a fazer com que os ameis; a sua voz se tornará doce, os gestos attrahentes, a phrase envolvente, e ficareis com a alma abalada por esta ardente e eloquente convicção. Emfim,



pela elegancia do porte, expressão profunda dos olhos e contorno do seu perfil á Massenet, exprime elle um encanto especial que só *uma* collega poderá analysar e definir. Ora, em Bordeus, agradar ao publico feminino é agradar á *élite*, visto que o sexo forte constitue a *outra* maioria.

Se pelas qualidades, em Gabriel Marie o homem corresponde perfeitamente ao artista, não seria justo dizer que este vale principalmente em consequencia d'aquelle. Pelo contrario, julgam com razão os entendedores que o talento do artista se affirma sufficientemente, sem dependencia de quaes-

quer contingencias, por uma carreira das mais activas e melhoi preenchidas.

Nascido em Paris em 1852, Gabriel Marie seguiu todos os seus estudos musicaes no Conservatorio, com Emile Durand para o solfejo e harmonia, com Bazin para o contraponto e fuga. Exerceu mesmo durante algum tempo as funcções de professor interino, tão grande era já a confiança que inspirava o seu talento apenas desabrochado.

Em 1881 tomou parte, como timbaleiro, na fundação dos concertos Lamoureux; em breve se tornou um dos mais activos colaboradores do mestre, junto do qual aprendeu a arte de dirigir a orchestra. Desde então ficou o seu nome inseparavel do grande movimento musical iniciado em França por Paderloup para a educação do ouvido popular.

E' conhecida a historia admiravel d'essa magnifica tentativa, e quanto se deve aos primeiros que ousaram offerecer á apreciação do grande publico, enfastiado com a arte antiga e desorientado com a nova, as obras classicas de Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, e não receberam inicial-o nas audiencias symphonicas da musica moderna.

Em 1887 tomou parte, na qualidade de chefe dos coros, na inolvidavel representação do «Lohengrin» no Eden-Theatro. Verdadeiramente doce época aquella, em que por um insignificante incidente de fronteira era necessario defender a murro as opiniões musicaes! Hoje, para qualquer ter direito ao titulo de wagneriano, basta que faça executar na sua sala, *às escuras* (como em Bayreuth!), por amadores dotados de boa vontade, alguns fragmentos do «Crepusculo dos Deuses»; é mais simples e mais ao alcance dos dilettantes musicaes. A gloria da carreira artistica de Gabriel Marie, será ter contribuido para rasgar o veu das tolices, mentiras, ignorancias e exagerações, tecido entre Ricardo Wagner e o publico francez pelo intelligente patriotismo.

Ainda em 1887 organisou no Havre, durante a Exposição Maritima, uma serie de concertos que attrahiram a attenção do mundo musical. Regressando a Paris dirigiu, no theatro Renascença, as representações da «Isolina», a delicada obra de Mendés para a qual Messenger escreveu uma partitura que lhe valleu a sua reputação.

Em 1889 apresentou em Rouen á admiração dos musicos a magistral partitura de «Sansão e Dalila», que dormia no archivo do editor Durand havia dezoito annos. Foi depois d'isso, e em seguida ás representações dadas em Paris (d direcção Verdhurt), que a Opera se apoderou d'ella. A exhumação d'esta obra, uma das mais bellas que

honram a arte franceza, ficará como um dos mais brilhantes titulos de gloria de M. Gabriel Marie.

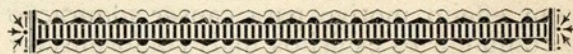
Em 1892, sempre activo, fundou com Porel o Grande-Theatro, onde se representaram obras grandiosas, classicas ou consagradas, ornadas de musica: «Athalia», «A Arlesiana», «O Doente de scisma». Graças á erudição do chefe d'orchestra, a comedia de Molière poude ser enriquecida com uma curiosa partitura de Charpentier, reconstituída com infinita arte e profundo respeito pelo mestre obreiro Saint-Saens.

O papel preponderante exercido por M. Gabriel Marie n'estas representações deu-lhe honroso logar entre os Colonne e Lamoureux. Assim, pela mesma época, foi convidado pela Sociedade das Grandes Audições, presidida por M.^{me} a condessa Grefulhe, para organizar as brilhantes sessões do Trocadéro. Algum tempo depois, tomou o bastão de chefe d'orchestra na Sociedade Nacional, berço do movimento musical moderno, d'onde sahiram Vicent d'Indy, Fauré, etc. Sete annos depois dirigiu os famosos concertos de órgão dados por Guilmant, e a sua reputação tornou-se universal.

Foi então (1894) que a Sociedade Santa Cecilia de Bordeus lhe propoz a direcção dos seus concertos. Com que habil progressão elle refez o gosto do publico bordelez não posso eu dizer; mas o caminho percorrido está nitidamente marcado com estas tres balisas: o primeiro acto da «Alceste», o «Oiro do Rheno», a «Vida do Poeta».

Ha dois annos que M. Gabriel Marie passa o verão nos Concertos-Espectaculos de Quinconces, dos quaes tomou a direcção artistica. A sua presença, reconhecida por uma serie continua de excellentes concertos, revelou-se sobretudo na organização das Festas da «Musa do Povo», de Gustavo Charpentier, para cujo exito elle teve de empregar, junto dos nossos edís, todos os recursos da sua eloquente convicção e espirituosa diplomacia.

Chefe d'orchestra erudito e seguro, M. Gabriel Marie é igualmente um dos compositores mais delicados. Algumas das suas obras teem já corrido mundo; mas fallar d'ellas aqui seria ferir a modestia d'aquelle que tão generosamente tem consagrado a sua vida á glorificação das obras alheias.»



A Musica na Exposição de 1900

(Impressões pessoases)

Uma das partes mais interessantes da exposição musical é sem duvida alguma a sec-

ção retrospectiva, largamente installada no 1.º andar do Palacio das Artes e Sciencias, por cima das salas destinadas a instrumentos contemporaneos.

Sabidamente classificadas por cathogorias por escolas, por generos, collocadas sobre estrados ou em armarios, podem ser admiradas em toda a sua belleza as obras primas do passado, muito mais facilmente que os productos da industria actual, espalhados, como já lhes disse, em diversos pontos da Exposição por uma fórma desconnexa e confusa.

Assim se quizessemos seguir passo a passo a historia de cada um dos órgãos sonoros e estudar as diversas modificações porque passaram no decorrer dos seculos, bastaria analysar cada um dos instrumentos ali expostos para ter noções que, por intermedio do livro, levariam mezes e annos a assimilar.

Mas não é esse o meu intuito e tenho de limitar-me a indicar summariamente o que mais me chamou a attenção, reeditando umas simples notas de viagem, que não tem nem podiam ter pretensões a trabalho de investigação historica.

Começarei pelos antepassados do Piano.

Um dos instrumentos mais antigos que figuram na exposição retrospectiva é um cravo da Renascença italiana que parece ter sido construído em meados do seculo XVI e cuja extensão não excede 4 oitavas e 1 nota, *mi* a *fá*. Conserva o seu pé em madeira delicadamente talhada e dourada sobre fundo vermelho, o que não é vulgar em instrumentos d'aquella época.

Com a mesma extensão de teclado aponto tambem uma interessante espineta de João Ruckers, que tem na tampa a data de 1598 e que por signal está bastante deteriorada exteriormente.

Os Ruckers eram uma celebre familia de fabricantes de cravos, que floresceu em Antuerpia nos fins do seculo XVI, e principios do seguinte. Eram os *Stradivarius* do cravo e tanto os instrumentos de Hans Ruckers, como os de seus filhos João e André são justamente reputados como o que de melhor se fazia no genero.

Citarei tambem um pomposo cravo, de auctor desconhecido, mas que chama a attenção do visitante pela sumptuosidade da decoração exterior. Sobrecarregado de esculpturas em madeira, representando diversas divindades do mar, sereias, delphins, tritões etc. não ha ali um pedaço de madeira que não seja trabalhada ricamente. Julga-se que esta bella peça é do principio do seculo XVII e pertenceu á familia dos Dourias.

Outro cravo da mesma epoca torna-se interessante pela adopção d'um 2.º teclado e de 4 registros que permitem variar um pouco as gradações de força e mesmo o timbre d'este monotonno instrumento. E' de Ruckers pae, que segundo creio, foi o introductor d'estas innovações.

Segue-se ainda um cravo, mas este admiravelmente conservado. Tem 2 teclados, da extensão de 4 1/2 oitavas sendo as teclas grandes de marfim e os sustenidos de tartaruga. O interior da tampa tem uma bella pintura em verniz *Martin*.

Uma das peças mais interessantes é um cravo allemão de 3 teclados, 6 registros e 1 abafador, com as teclas grandes em tartaruga e os sustenidos em marfim com embutidos. Pareceu-me ver-lhe a data de 1740 e deve effectivamente ser muito mais moderno que os outros, attendendo aos melhoramentos que lhe foram introduzidos. Dir-se-hia mesmo que este specimen, cuja marca de auctor não pude vêr, representa na exposição a ultima palavra na construção do cravo, já em lucta aberta com o seu terrivel successor e mortal inimigo.

Não deixarei passar dois modelos de virginaes, muito curiosos; não vi mesmo outros semelhantes, a não ser nos magnificos Museus instrumentaes de Paris e de Bruxelas, quando tive a boa fortuna de os visitar.

A *virginal* é um pequeno cravo sem pés, que se collocava sobre uma mesa; os primeiros instrumentos d'este genero construíram-se no principio do seculo XVI.

As virginaes da Exposição são muito mais modernas. Uma d'ellas de fabricação franceza tem os frontaes das suas 4 oitavas em couro, onde se vê estampada uma corôa de marquez; a outra é do florentino Miguel Barbi, que viveu no seculo passado e affecta a fórma d'um triangulo isosceles, em cuja base está disposto o teclado, d'uma extensão tambem de 4 oitavas.

Depois vem os pianos primitivos, do mais alto interesse para o estudioso d'esta especialidade, timidias tentativas em que os nomes de Bartolomeo Cristofari, Marius, Godofredo Silbermann, Johannes Zumpe, e outros de momentanea celebridade tem de ceder o passo ao mais arrojado engenho de que resa a historia do Piano, Sebastião Erard.

Do periodo de transição em que o novo machinismo de martellos se põe em lucta aberta com o teimoso cravo, periodo em que as lanças da rotina se iam quebrando pouco a pouco de encontro ás do progresso, apparecem na exposição alguns specimens curiosos, que me vejo na impossibilidade de lhes descrever

Não resisto porem a citar-lhes um de Zumpe & Buntchart, de Londres, cuja historia, que tem o seu quê de aventureosa, merece as honras da narrativa.

Contou-m'a um artista francez, com quem mantenho ha muito as melhores relações de amizade, e que teve a gentileza de dar-me algumas indicações preciosas acerca de certos instrumentos da secção retrospectiva

Em principio de 1777, estava mais que nunca accesa a batalha entre *gluckistas* e *piccinistas* a proposito da partitura do *Roland* em que ambos os famosos compositores trabalhavam ao mesmo tempo.

J. J. Rousseau, que era do partido de Piccini atacava furiosamente o mestre allemão em violentos pamphletos que se succediam com uma frequencia desesperante.

Gluck quiz vingar-se e fei-o de uma forma tão cavalheiresca quanto original.

Uma noite que Rousseau recolhia á sua casa d'Ermenonville, ficou admiradissimo de encontrar na casa de jantar um pequeno piano de mesa, como todos os d'aquella epoca, mas não destituído de uma certa elegancia; mais intrigado ficou quando lhe disseram que os 3 homens que o tinham transportado não tinham declarado o nome de quem os mandara.

Passado tempo conseguiu Jean Jacques descobrir o mysterioso offerente. Era Christovam Gluck que lhe tinha mandado o piano, dizia elle, para que o auctor do *Devin du village* podesse instruir-se e aprender musica e harmonia, que lhe eram indispensaveis para fazer criticas mais ajuizadas.

Por occasião da morte de Rousseau, em 1778, passou o piano para as mãos de Gretry, com muitos outros objectos da casa d'Ermenonville.

Gretry serviu-se d'elle para compôr o *Richard cœur de lion*, o *Guilherme Tell*, a *Zemira* e *Azor* e por sua morte foi o piano vendido em leilão conjunctamente com a restante mobilia.

N'essa occasião foi o aventureoso piano disputado por dois compositores, Boieldieu e Nicoló, mas este ultimo comprou o leiloeiro (já se compravam n'esse tempo!) por 100 bilhetes de entrada na *Opera comique*, conseguindo por essa forma ser avisado do dia e hora em que o piano iria á praça.

Assim é que quando Boieldieu entrava acabava o piano de ser adjudicado ao seu feliz competidor. Alguns instantes depois e apoz uma rapida troca de palavras azedas, Boieldieu e Nicoló, perdida toda a gravidade e compostura proprias da sua elevada posição artistica, soccavam-se desesperadamente, acompanhados pelas gargalhadas d'um grande numero de pessoas que presenciavam a scena.

Em 1817 Nicoló cedia este instrumento ao seu amigo Roger de Montpellier, cujo neto o vendeu sessenta annos depois ao actual possuidor e expositor Leon Savoye.

Um verdadeiro *bijou* é o piano que pertenceu a Maria Antonietta e que já é obra do fundador da casa Erard. Tem a data de 1787 e entre outros aperfeiçoamentos tem duas joelheiras para o *forte* e para a *surdina*. Está n'um perfeito estado de conservação.

Apontei ainda nas minhas notas de viagem uns doze pianos mais, de diversos auctores, que traduzem por uma forma verdadeiramente interessante o estado em que se encontrava a industria pianistica na primeira metade d'este seculo, mas o receio de ser fastidioso aos que tiveram a paciencia de me ler até aqui impõe-me a necessidade de abreviar e o dever de omittir tudo o que possa parecer superfluo á maioria dos meus amaveis leitores.

*

Em dois largos armarios, collocados nas extremidades da sala de exposição, podem admirar-se bellos specimens da *lutherie* antiga, especialmente franceza.

Entre os instrumentos expostos n'esta secção, merecem menção especial as *pochettes*.

Como se sabe a *pochette* era um pequeno violino de que se serviam os antigos mestres de dança para as suas lições.

Entre os instrumentos d'esta indole, hoje completamente cahidos em desuso, veem-se na exposição alguns modelos preciosos não podendo deixar de especialisar um em que o artista se esmerou n'um trabalho de esculptura verdadeiramente admiravel. O fundo da *pochette* é formado pelo corpo d'uma Venus, em alto relevo, emmoldurado por uma grinalda de pampanos que acompanha as costilhas n'um gracioso entrelaçamento; o braço, a que estão adaptadas cravelhas delicadamente esculpidas, termina por uma cabeça de fauno.

Temos depois os alaúdes, as theorbas; as mandoras com as suas ricas incrustações dos seculos XVII e XVIII, as violas baixas, da *gamba*, as violas d'amôr, os cistros, os quintões, as sanfonas, emfim um sem numero de instrumentos veneraveis que fariam a felicidade de certos colleccionadores que eu conheço.

Seguindo quanto possivel a ordem chronologica do fabrico citar-lhes-hei ainda violinos de João e Nicolau Medard, de diversos Jacquot, violeiros de Mirecourt, de Lupot e dos seus successores Gand e Bernardel, de Chanot, de Vuillaume, de Silvestre — emfim de quasi toda a *lutherie* artistica da França nos ultimos dois seculos.

Muitas d'essas casas ou os seus successo-

res exposeram tambem violetas e violoncellos, que me pareceram de esmerado acabamentoo.

Mas tora da escola franceza, pouco ou quasi nada se conseguiu ali reunir. Dizem-me que suscitava a admiração dos entendidos uma soberba violeta de Gaspar da Salo, de 1561 e um violino de Stainer, dos mais bellos que o famoso violeiro allemão construiu. Confesso que me escaparam esses instrumentos e presumo que a muitos terá succedido o mesmo pela falta, já apontada, de um catalogo elucidativo.

Do cyclo cremonense apenas vi dois preciosos *Stradivarius* e um baixo de *Amati* com o fundo adornado com o escudo d'um dos reis de França.

Se havia mais instrumentos da escola italiana tambem os não pude descobrir.

*

Apesar do particular interesse que me suscitavam os instrumentos d'arco, antigos, devo confessar que os de sopro estavam n'este museu retrospectivo, muito mais dignamente representados.

Não me passa pela cabeça enumerar as preciosidades de que se compunha esta secção, nem mesmo tenho apontamentos para tanto, mas não deixarei de consignar aqui alguns dos specimens mais interessantes, pela variedade ou pelo valôr historico.

Ahi vae pois a lista:

Um serpentão com applicação de figurinhas em terra cotta, um oliphante do seculo XIV, diversas flautas doces, uma flauta harmonica dupla, uma outra de grandes dimensões, um fagote com chaves de madeira, as longas cornetas empregadas para a transladação das cinzas de Napoleão e as diversas invenções da casa Sax no decurso do presente seculo. E ponho aqui um longo *et cætera*.

De orgãos e harmoniums, pouca cousa: apenas algumas das tentativas de Cavallé Coll e de Abbey, que por estarem deslocadas no rez-do-chão do palacio se collocaram na secção retrospectiva, sem contudo terem a pretensão, creio eu, de nos darem a mais leve ideia da historia d'esses instrumentos.

*

Em outro local havia tambem que vêr a exposição do Conservatorio Nacional de Musica e a das obras didacticas que dizem respeito ao ensino da musica, assumptos esses que eu não deixaria passar despercebidos se o implacavel relógio do Tempo se dignasse interromper por algumas horas a sua marcha, em meu favôr.

Mas o velho Tempo conhece já bem a preguiçosa humanidade para que se resolva a fazer concessões de tal natureza.

E eu tive que prescindir da visita, para dar logar a outra que tinha tambem o seu quê de interessante.

Refiro-me á preciosa exposição de autographos musicaes que o archivista da Opera Charles Malherbe organisou com tanta proficiencia e discernimento na vasta bibliotheca d'aquelle edificio.

O principal intuito do erudito archivista foi apresentar uma collecção de autographos dos compositores contemporaneos mais em evidencia; para esse effeito fez distribuir por todos os paizes cultos umas folhas especiaes em que cada um dos compositores convidados devia transcrever alguns compassos de uma das suas obras predilectas, restituindo o trabalho feito conjunctamente com a propria photographia.

Essas folhas e retratos eram dispostos em uns *ecrans* especialmente fabricados para esse fim e distribuidos conforme as nacionalidades.

Poucos portuguezes lá vi: Augusto Machado, com uma *Gavotte*, Francisco Lacerda com a sua *Canção do berço*, A. Soller com o *Hymne á la France* a que já nos referimos aqui, Miguel Angelo com um *Scherzetto*, Alfredo Keil, J. P. Sousa (?) e Francisco Braga (?) com fragmentos varios.

Afirmou-me o empregado da bibliotheca que havia mais autographos portuguezes, mas ainda não tinham podido ser expostos.

A presença d'algumas peças raras que possui a Bibliotheca augmentava o interesse d'este annexo da Exposição: diversos originaes de Beethoven, Haydn e de outros classicos, o piano de Spontini, o da Alboni, bustos d'artistas, *maquettes* de scenas d'operas, armas e utensilios de scena, tudo isso serviu ao intelligente organisador para semear a variedade no seu pequenino museu e contentar os que tivessem por monôtona a succinta exposição dos autographos contemporaneos.

*

Deixo-os agora, meus queridos leitores, e já é tempo.

Relevem-me a desillusão aquelles que procuravam uma distracção amena n'estas desprezenciosas notas de viagem, tomadas sobre o joelho. E aquelles que porventura buscaram um assumpto de estudo e o encontraram tão falho e incompleto relevem-me tambem, reflectindo que quem aventurar n'aquelle labyrintho a intenção de vêr seriamente uma determinada cousa, tem a breve trecho de desistir do empenho e quasi contentar-se com o que a mão dos organisadores lhe quizer apontar.

A não ser que tenha uns bons seis mezes á sua disposição.

L.

GALERIA DOS NOSSOS

Emílio Lami



Quantas glorias passadas recorda este nome!

Quantos triumphos, quantos factos memoraveis de extraordinaria reminiscencia musical, admiravel phantasia para improvisar, incomparavel facilidade em ler á primeira vista, extrema agilidadade de dedos e brilhantismo de execucao!

Academia Melpomenense, Assembla Philharmonica e todas essas sociedades musicas tão numerosas ha cincoenta annos; Concertos Populares, onde elle foi constante acompanhador e frequente solista; saras nas principaes salas de Lisboa; concertos de artistas; Theatro de S. Carlos, que o teve algum tempo por organista e director da orchestra; periodicos onde foi critico e polemista temido!

Quantas glorias passadas!

E a geração nova mal o conhece!

Tanto a preoccupa o egoismo, a ancia de predominar, a presumpção do proprio valor com desprezo do alheio, e tambem, diga-se tudo, a necessidade de viver.

Pois não merece tanto esquecimento quem tanto valeu.

Injustos e ingratos constituem legião.

Mas não constituirão generalidade.

Alguma excepção deve haver, para honra do coração humano.

Seja este áuro e mal esboçado perfil uma sincera homenagem ao artista eminente que tanto brilhou e para quem o passado não é hoje mais do que saudosa recordação.

Novos! Curvae-vos reverentes perante os que vos precederam!

«Como fizerdes achareis».

FUX.

CONCERTOS

No próximo Domingo, 2, em matinée, tem lugar no elegante salão do Conservatorio o primeiro concerto de musica de camara, com instrumentos de sopro

Deve-se esta brilhante iniciativa, que é por assim dizer completa novidade entre nós, a um grupo de artistas e amadores, cuja unica mira consiste em elevar o nivel artistico do nosso paiz, sem a menor preocupação de interesses pessoases, antes com um desprendimento muito para louvar-se e que poderá servir de estimulo a outras tentativas da mesma indole.

Assim este concerto é absolutamente gratuito, estando convidados grande numero de professores, amadores, alumnos, jornalistas da especialidade, todos emfim a quem pode interessar a Musica de camara, como um prazer ou como um ensinamento.

Em todos os centros musicas d'uma certa importancia, ha um ou mais grupos de instrumentistas de sopro, cuja missao é fazer conhecer a parte da musica de camara consagrada a esses instrumentos ou os trechos de caracter mixto, em que os instrumentos de vento estão combinados com os das cordas.

Apezar do repertorio não ser muito vasto contem obras admiraveis que todo o publico culto deve conhecer e que são de facto bastante conhecidas lá fora.

Não hesitamos portanto em classificar de benemerencia artistica o emprehendimento a que vimos alludindo e regosijamo-nos de frisar mais uma vez a abnegação de interesses materiaes com que os profissioaes prestam n'elle o seu concurso.

Louvavel abnegação, sem a qual seria absolutamente impraticavel o plano!

O programma d'esta primeira sessão é interessantissimo: o celebre *Quintetto* op. 16 de Beethoven, um *Quartetto* de Saint-Saens e um *Sextetto* de Thuille, tudo executado na integra e em primeira audição as duas ultimas obras.

Mesmo o *Quintetto* que como se sabe foi concertado pelo proprio Beethoven para quartetto de piano e cordas e tem sido muito ouvido em Portugal com esta ultima interpretação, só raramente e em epoca muito remota se tem executado na sua forma original.

A execução do programma é confiada aos Srs. José Henrique dos Santos (flauta), Arthur da Fonseca (oboé), Severo da Silva (clarinette), Manoel Tavares (trompa), João Manoel Gonçalves (fagote) e Michel'angelo Lambertini (piano).

*

A 8 teremos outra *matinée* musical de grande interesse, organisaada pelo maestro Napoleão Vellani, no salão nobre do Theatro de S. Carlos.

O programma que julgamos definitivo compor-se-ha dos seguintes numeros.

I.^a PARTE

<i>Serenata</i> , duettino	ROSSINI
por D. Regina Negrão e A. Macieira	
<i>Nocturno</i>	CHOPIN
<i>Ave Maria</i>	VELLANI
<i>J'en mourrais</i>	VIARDOT
por D. Hermelinda Cordeiro	
<i>Andante da Cavatina de Due</i>	
<i>Foscari</i>	VERDI
por D. Angelina Valadin	
<i>Polonaise</i> , para violino	TIRINDELLI
por Julio Cardona	
<i>Duetto de Stabat Mater</i>	ROSSINI
por D. A. Valadin e D. H. Cordeiro	

2.^a PARTE

<i>Trio</i> , op. 42, para piano, violino e violoncello	GADE
por M. A. Lambertini, J. Cardona e C. e Silva	

3.^a PARTE

<i>Romanza</i>	* * *
por A. Macieira.	
<i>Eternamente</i>	MASCHERONI
por D. A. Valadin, com violoncello	
<i>Il voto</i>	GORDIGIANI
por D. Regina Negrão.	
<i>L'etoile</i>	FAURE
<i>Porque foges?</i>	NEUPARTH
por D. H. Cordeiro.	
<i>Duetto do Elixir d'amor</i>	DONIZETTI
por D. A. Valadin e A. Macieira.	

Estamos certos que para a audição d'este bello concerto, se reunirão no salão de S. Carlos todos os amigos de Vellani, para festejarem o sympathico professor como elle merece.

*

No domingo, 9, terá logar, tambem em *matinée*, o terceiro concerto da *Sociedade Artistica de Canto*, que já annunciamos no numero anterior.



Do paiz

Sousa Bastos, o actual empresario do theatro Avenida, offereceu a recita realisada no dia 26 em beneficio da familia de Cyriaco Cardoso.

Assistiram ao espectaculo el-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia, vendo-se nos camarotes e fauteuils muitas pessoas da nossa primeira sociedade.

*

Proseguem com actividade os trabalhos

de orchestra da Real Academia, preparando o repertorio para os proximos concertos; tem sido ensaiado o bellissimo poema symphonico de Saint Saens,—*La Jeunesse d'Hercule*—uma rapsodia de Svendsen, uma nova composição de Goñi e uma nova gavota de Gluck.

*

Reune no proximo dia 4 a assembléa geral da Academia, para a eleição dos corpos gerentes que devem funcionar em 1900-1901, e apreciação do relatorio da gerencia finda.

Por esse relatorio vê-se que as aulas foram frequentadas por 214 alumnos, realisando-se 125 exames de rudimentos, harmonia, acompanhamento, piano, violino, violoncello e flauta.

A receita geral foi de 5:891\$142 réis deixando um saldo de 71\$142.

No seu passivo não figura divida alguma e o numero de socios não diminuiu.

*

Consta-nos vagamente que teremos n'este inverno a visita do eminent violinista Bernardo Moreira de Sá, que conjunctamente com o seu quartetto, se proporia a dar-nos uma serie de concertos de musica de camera, como os que tão grande successo tem obtido no Porto.

Fazemos votos para que o boato se transforme em realidade e vaticinamos ao illustre mestre e ao seu grupo um acolhimento triumphante, como por todos os titulos lhe é devido.

Do estrangeiro

O director d'esta Revista que visitou ultimamente o magnifico Museu instrumental de Bruxellas acaba de dotar este notavel estabelecimento com duas guitarras portuguezas, das quaes uma representa o typo propriamente popular, de cravelhas, e a outra um modelo mais luxuoso, com chapa de leque e artisticos embutidos no tampo.

Era para notar que n'este Museu onde ha admiraveis specimens da fabricação instrumental de todo o mundo, faltasse o unico instrumento que é perfeitamente nosso, que não se encontra em mais parte alguma e que é por assim dizer a incarnação da nossa caracteristica musica popular.

O nosso director, preenchendo por meio d'esta davida a lacuna apontada, julgou que valia a pena empregar uns poucos mil réis n'esse patriotico intento, já que aquelles a quem isso podia mais directamente interessar se não quizeram nunca occupar do assumpto.

✱

Já está em New-York, no desempenho de um novo contracto não menos vantajoso que os de Copenhague e Stockolmo, o nosso presado amigo e illustre baritono D. Francisco de Sousa Coutinho.

As ultimas noticias que d'elle tivemos veem da capital da Suecia por meio d'um jornal humoristico illustrado, *Nya Nisse*, em que figura o nosso corpulento compatriota, batendo o *record* da . . . obesidade com o primeiro baritono da opera de Stockolmo, de nome Lunkan, o qual, segundo ressam as chronicas pesa a bagatella de 208 kilos!

Inutil é dizer-se que o nosso Chico Redondo, que não dá á balança mais que uns *modestos* 126 kilos fica quasi a perder de vista n'este *record* de novo genero.

Em compensação, podemos affirmar que no respeitante a dotes artisticos *esmaga* por completo o seu adversario.

✱

De Bruxellas: — Boas novas do nosso bom amigo e talentoso violinista Cecil Mackee, que já se encontra de novo na capital da Belgica, d'onde nos manda uma affectuosa carta.

Annuncia-nos para breve um grande concerto dirigido por Massenet, em que o grande compositor francez apresentará as suas ultimas creações.

Seguir-se-hão a essa muitas outras audições de grande interesse, de que o nosso sympathico amator nos promette dar successivamente nota.

No Theatro lyrico faz furor a *Bohème*, que attrahe todas as noutes o *tout Bruxelles* artistico.

✱

Organisou-se em Dresde uma Academia popular que tem por fim principalmente cultivar a musica classica; só admite operarios e empregados no pequeno commercio.

✱

Mais um conservatorio na Allemanha: este fundou-se ultimamente em Meiningen, pequena cidade que não conta mais de 15:000 habitantes. Terá edificio construido de proposito para esse fim, com uma grande sala de concertos.

✱

O governo italiano comprou por 6:000 libras as partituras autographas da «Norma» e da «Beatriz de Tenda», de Bellini, as quaes entraram na bibliotheca da Academia de Santa Cecilia.

Por ordem do ministro de instrucção publica foram tambem tiradas photographias

do *Stabat Mater* de Pergolese. cuja partitura autographa se guarda na abbadia do Monte-Casino, para serem offerecidas ás principaes instituções musicas de Italia e do estrangeiro.

✱

Um generoso amator de musica em Varsovia offereceu o premio de 1:000 rublos por uma symphonia, 500 por uma obra de musica de camara e 500 por um concerto de piano, premios que serão adjudicados por meio de concurso.

NECROLOGIA

Não para dar uma noticia demais sabida por todos os nossos leitores, mas para deixar assignalada uma data luctuosa nos fastos da arte nacional, consignaremos aqui o triste passamento do espirituoso compositor de opereta e habillissimo director Cyriaco de Cardoso, fallecido em Lisboa no dia 16 de novembro ultimo, pela onze horas da manhã.

Foi grande e geral a magua causada pela perda do eminente artista, que contava muitos e dedicados amigos, tanto no Porto como em Lisboa.

Recolheu o seu ultimo suspiro D. João da Camara, o illustre poeta collaborador de Cyriaco de Cardoso, assistindo ao doloroso transe toda a familia do malgrado compositor, acompanhada por alguns amigos que mal podiam confortal-a porque para si mesmos não achavam conforto.

O seu funeral foi concorridissimo, vendose no cortejo muitos dos nossos principaes artistas e homens de letras.

No dia 24 celebrou-se na igreja do Carmo, no Porto, uma missa suffragando a alma do extincto.

O templo estava imponente, coberto de crepes, e uma orchestra de professores portuenses, em numero superior a sessenta executou trechos de musica appropriada; a actriz Acacia Reis cantou, acompanhada pelos coros do theatro Carlos Alberto, uma Ave Maria, composição de Soares Moraes, mestre da banda de infantaria 6.

Assistiram ao funebre acto o conselheiro Ferreira de Lima secretario geral do governo civil; Moreira de Sá, Antonio Soller, Eduardo da Fonseca, Ernesto Maia, Alfredo Maia, Albano Landeau, etc.; numerosissimos artistas theatraes, empresarios, professores de musica, commerciantes, industriaes, capitalistas, officialidade militar, jornalistas, emfim uma multidão que encheu o templo do Carmo para prestar saudosa homenagem á memoria de Cyriaco de Cardoso.